

**O desencantamento docente na sociedade brasileira atual: um estudo bibliográfico
acerca das possíveis definições**

Teacher disenchantment in today's brazilian society: a bibliographical study about possible definitions

Ivis Chagas da SILVA¹

Laêda Bezerra MACHADO²

Resumo: Este estudo teórico se propõe a discutir os conceitos de desencantamento docente atribuídos pela literatura entre 2010 e 2022, articulando-os com a atual conjuntura social do “ser professor”. Partimos de uma análise bibliográfica de dissertações, teses e artigos de periódicos depositados na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações e em repositórios acadêmicos como Educ@, Scielo e Periódicos Capes. Categorizamos os significados em quatro estágios à luz da técnica temática da Análise de Conteúdo de Bardin (1977), a saber: baixa atratividade pela profissão, sentimentos negativos, adoecimento e abandono da carreira. Para o entendimento crítico da atual conjuntura macrosocial brasileira, nos ancoramos em Han (2017), Nóvoa (2017) e Freire (2021). Enquanto resultados, podemos considerar que o desencantamento docente, enquanto fenômeno sociológico, é polissêmico, e que os seus estágios conceituais podem ocorrer paralelamente e sem necessária dependência. Ademais, entendemos que esse fenômeno sociológico, com raízes históricas, é estrutural e reforçado pelo sentimento de fatalismo, ou seja, de que as transformações sociais dificilmente ocorrerão.

Palavras-chave: Profissão docente; Desencantamento docente; Abandono do magistério.

**TEACHER DISENCHANTMENT IN TODAY'S BRAZILIAN SOCIETY: a
bibliographical study about possible definitions**

Abstract: This theoretical study aims to explore the concept of teacher disenchantment as discussed in literature from 2010 to 2022, and to relate these concepts to the current social context of being a teacher. We conducted a bibliographic analysis of dissertations, theses, and journal articles available in the Brazilian Library of Theses and Dissertations, as well as academic repositories such as Educ@, Scielo, and Periódicos Capes. The meanings were categorized into four stages using Bardin's Content Analysis (1977): low attractiveness for the profession, negative feelings, illness, and career abandonment. For a critical understanding of the current Brazilian macrosocial situation, we draw on the works of Han (2017), Nóvoa (2017), and Freire (2021). The findings suggest that teacher disenchantment, as a sociological phenomenon, is polysemic, with its conceptual stages occurring in parallel and not necessarily dependent on one another. Additionally, this phenomenon, with its historical roots is structural and reinforced by a sense of fatalism, implying that social transformations are unlikely to occur.

Keywords: Teaching profession; Teaching disenchantment; Abandonment of the teaching profession.

**DESENCANTO DOCENTE EN LA SOCIEDAD BRASILEÑA ACTUAL: un estudio
bibliográfico sobre posibles definiciones**

¹ Mestrando do Curso de Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Brasil. E-mail: ivis.chagas@ufpe.br.

² Professora da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Brasil. E-mail: laeda.machado@ufpe.br.

Resumen: Este estudio teórico tiene como objetivo discutir los conceptos de desencanto docente atribuidos por la literatura entre 2010 y 2022, articulándolos con la situación social actual del “ser docente”. Comenzamos con un análisis bibliográfico de disertaciones, tesis y artículos periódicos depositados en la Biblioteca Brasileira de Tesis y Disertaciones y en repositorios académicos como Educ@, Scielo y Periódicos Capes. Clasificamos los significados en cuatro etapas a la luz de la técnica temática del Análisis de Contenido de Bardin (1977): bajo atractivo para la profesión, sentimientos negativos, enfermedad y abandono de la carrera. Para una comprensión crítica de la actual situación macrosocial brasileña, nos basamos en Han (2017), Nóvoa (2017) y Freire (2021). Como resultados, podemos considerar que el desencanto docente, como fenómeno sociológico, es polisémico y que sus etapas conceptuales pueden ocurrir en paralelo y sin una dependencia necesaria entre ellas. Además, entendemos que este fenómeno sociológico, con raíces históricas, es estructural y está reforzado por el sentimiento de fatalismo, es decir, la creencia de que es poco probable que se produzcan transformaciones sociales.

Palabras clave: Profesión docente; Desencanto en los docentes; Abandono de la profesión docente.

INTRODUÇÃO

Neste artigo teórico discutimos os conceitos de desencantamento docente na Educação Básica (EB), atribuídos pela literatura entre 2010 e 2022. Essa discussão ocorre mediante uma contextualização crítica da atual sociedade brasileira na qual os professores da EB estão inseridos.

Importante destacar que essa discussão decorre de nossa pesquisa na Pós-Graduação em Educação sobre a profissão docente. O nosso interesse, com essa temática, aliás, advém das experiências obtidas nos estágios da graduação e também da nossa atuação como professores da EB. Durante essas experiências, notamos uma disseminação compartilhada de frustração, tristeza, apatia, animosidade e desamor para com a profissão docente, vinda dos próprios professores — alguns, inclusive, nos aconselharam a desistir da profissão sob justificativa de “ainda ser cedo para isso”.

Sob esse escopo, iniciamos os estudos sobre o desencantamento docente recorrendo à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e aos principais repositórios de artigos educacionais do Brasil (Educ@, Scielo e Periódicos Capes), para localizarmos trabalhos, entre 2010 e 2022, que apontassem para o(s) significado(s) desse aparente fenômeno social. Após essa localização, aplicamos a técnica temática da Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e agrupamos os significados em quatro estágios, a saber: a) Baixa atratividade e/ou desinteresse crescente pela profissão docente; b) Sentimentos negativos com relação à profissão docente; c) Adoecimento; d) Abandono de carreira. Aqui, a compreensão dos significados de desencantamento docente ocorre alinhada às críticas sociais de Han (2017), Nóvoa (2017) e Freire (2021).

Em síntese, tomamos como objetivo geral discutir os conceitos de desencantamento docente atribuídos pela literatura entre 2010 e 2022, articulando com a atual conjuntura social do “ser professor”. Especificamente, nos atentamos a: apresentar os pontos de concordância e discordância entre os trabalhos no que tange o termo ‘desencantamento docente’, e categorizar os conceitos, extraídos dos trabalhos, situando-os na sociedade hodierna.

Face ao exposto, este texto se organiza em quatro seções, para além destas notas introdutórias. Na primeira, discorremos sobre o referencial teórico, pontuando o início da efervescência política por valorização e validação profissional dos professores no Brasil, de 1930 à atualidade. Para refletirmos a atualidade, nos ancoramos principalmente em Nóvoa (2017) e Han (2017). Na segunda, expomos a metodologia deste trabalho. Na terceira, destacamos as discussões e os resultados, isto é, os significados do “desencantamento docente” e a carga estrutural desse fenômeno no Brasil atual; aqui, utilizamos o conceito de “fatalismo” de Freire (2021). Encerrando este artigo com a quarta seção, que traz as considerações finais. Nela, sugerimos algumas questões para o aprofundamento desta pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Discutir o desencantamento docente, analisando as suas possíveis significações, implica problematizar, a nosso ver, o contexto macrossocial no qual o professor está inserido, pontuando a força política desse profissional. No Brasil, o contexto macrossocial hodierno ao qual nos referimos é fruto de lutas que ocorreram na história do nosso país.

Há quase um século, os professores lutam por validação e, consequentemente, valorização profissional. Por exemplo, após a Revolução de 1930, as reivindicações de melhores condições de trabalho e, principalmente, de reconhecimento profissional dos professores se tornaram mais frequentes. Em 1931, foi publicada a primeira Lei acerca da regulamentação da profissão, chamada Registro Profissional. De acordo com Dias (2012, p. 23), esse Registro foi criado “no Departamento Nacional de Ensino e pretendia conceder autorização para os candidatos ao exercício do magistério do Ensino Secundário”. Ainda que essa iniciativa tenha sido criticada por intelectuais da área — como Lourenço Filho, por exemplo, que acreditava não ser este o melhor meio de uma regulamentação do magistério, pois defendia uma legislação geral — a iniciativa demonstra a necessidade de se reconhecer o trabalho docente como uma profissão, para aproximá-la da valorização social (Dias, 2012).

Nesse mesmo caminho, a Associação dos Professores Católicos do Distrito Federal (APC-DF) instituiu em 15 de outubro de 1933 o Dia do Primeiro Mestre, o que, conforme Vicentini (2004), potencializou as lutas desses profissionais por reconhecimento profissional e

valorização social³. “A data passou a ocupar um lugar de destaque no movimento do magistério em prol de uma melhor remuneração e de maior reconhecimento social, tornando-se objeto das lutas travadas no campo educacional brasileiro” (Vicentini, 2004, p. 10).

Como posto, a década de 1930 foi marcada por debates acerca da profissionalização e das lutas por valorização dos professores, tendo como protagonistas as associações de defesa do docente, os sindicatos e alguns intelectuais da época⁴. Castro (2016, p. 242), a propósito, constatou que “os professores tiveram seu momento de ascensão social a partir da década de 30, quando o consequente desenvolvimento e a complexificação da sociedade brasileira estimularam o crescimento da demanda pela educação”. Essa complexificação decorreu da crise internacional da economia de 1930, que incentivou a mão de obra com o mínimo de qualificação possível e fez os intelectuais brasileiros defenderem a necessidade da escolarização, para o pleno desenvolvimento social. Esses intelectuais acreditavam que a escola poderia “salvar” e “transformar” os rumos da sociedade brasileira, daí o motivo de lançar luz sobre os professores (Castro, 2016).

Com o passar dos anos, é evidente que essas lutas, atreladas ao desejo social por democracia, angariaram alguns frutos. Obtivemos transformações positivas no campo legislativo, a exemplos da: Carta Magna de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, do Piso Salarial Profissional Nacional de 2008, do Conselho Nacional de Educação, 2009, do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, 2020, da Política de Bem-Estar, Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho e Valorização dos Profissionais da Educação em 2024 etc. Também obtivemos supostos avanços na esfera federal, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997–1999, o Referencial para Formação de Professores, 1999–2001, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica, 2002, o Plano Nacional da Educação, 2014, entre outros.

Decerto, após quase um século de lutas, com os reflexos positivos obtidos, poderíamos esperar uma sociedade na qual os professores da Educação Básica são valorizados. No entanto, esse “ideal” de sociedade ainda parece utópico defronte à realidade atual. Um levantamento recente do Instituto Semesp (2024) aponta que, atualmente, 79,4% dos professores pensam ou já pensaram em abandonar a profissão, ao passo que apenas 5% se mantêm motivados e

³ Hodiernamente, esta data ainda é utilizada para se referir ao dia dos professores, mas de modo mais amplo (isto é, para todos os docentes e não apenas para os do Ensino Fundamental).

⁴ Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Cecília Meireles, Helena Antipoff, Afrânio Peixoto, Roquette Pinto, etc.

esperançados. Este mesmo instituto projetou uma defasagem de professores na EB brasileira em 2040, devido à baixa atratividade entre os mais jovens, o envelhecimento do corpo docente atual e o crescente abandono de carreira (Instituto SEMESP, 2022).

Em estudo específico sobre a atual situação dos professores no Brasil, Cericato (2016) registra a baixa atratividade e o abandono da profissão. Essa autora pontua que, entre os concluintes do Ensino Médio, são poucos os que têm interesse por ingressar na profissão docente. Além disso, Cericato (2016) sublinha que o abandono de carreira por parte dos professores vem se tornando comum, muitas vezes devido à falta de autonomia, aos baixos salários, aos desrespeitos e, ainda, à desvalorização social.

Nóvoa (2017) teceu comentários semelhantes aos de Cericato (2016) quando tratou da realidade hodierna dos professores brasileiros. Além de falar sobre a baixa atratividade, ele sublinhou que muitas vezes quando a profissão docente é “escolhida”, por ingressantes, é por falta de alternativa, e que “a primeira fragilidade da profissão reside, justamente, neste momento inicial.” (Nóvoa, 2017, p. 1121). Esse autor considera que o Brasil vive uma situação crítica de má profissionalização, principalmente ao comentar que “os professores são majoritariamente formados em instituições privadas, regra geral de duvidosa qualidade, situação que se tem vindo a deteriorar com o recurso incontrolado a modalidades de educação a distância” (Nóvoa, 2017, p. 1115).

Segundo Ludke e Boing (2004, p. 1163) “alguns dos mais jovens professores, como os do primário, veem o ensino secundário apenas como uma fase de sua vida; e eles também, mais do que há 40 anos, acentuam sobretudo o que está fora da sua vida profissional: a atividade docente não é tudo em sua vida”. Essa realidade endossa o que Cericato (2016) e Nóvoa (2017) pontuaram, e nos mostra um contexto macrossocial negativo no que diz respeito ao profissional professor.

É interessante destacarmos, por fim, que mesmo considerando a legislação brasileira no tocante aos professores e à sua valorização, avançada e interessante, Nóvoa (2017) reforça seu entendimento de que a situação dos docentes no Brasil é frágil, principalmente com o avanço do neoliberalismo em diferentes instituições públicas de ensino. Para esse autor (2017, p. 1115), “o que está em causa não é apenas a formação de professores, mas o próprio futuro do magistério e da educação pública brasileira”. A nosso ver, o *status* atual da profissão docente é de desprofissionalização e retrocesso sócio-histórico, emoldurando, assim, o contexto macrossocial do qual discutimos.

Mas, por que esse contexto negativo após um século de luta por validação e valorização profissional e frutos no campo legislativo? Ora, apesar dos avanços, a profissão professor não deixou de ser subalternizada. Se antes ela era tutelada pela Igreja e depois pelo Estado, hoje ela pode ser vista como subalterna ao mercado (Nóvoa, 2017).

A despeito dessa configuração mercadológica, Han (2017), partindo de uma análise mais global e não específica sobre educação, acredita que a nossa atual sociedade é subsidiada pela necessidade de superprodução. Para esse autor, as pessoas são orientadas a produzirem mais e cada vez “melhor”, em prol do que o mercado dita. Essa produção, no entanto, precisa ser calcada em uma alegria forjada e, principalmente, na compreensão de que, se algo der errado, a culpa é de quem produz. Essa compressão reforça um sentimento de autonomia nas pessoas que, sem perceber, são forçadas a produzir, a serem alegres e a se autoculpabilizarem pelos fracassos institucionais. O resultado disso desemboca em pessoas ansiosas, neuróticas e com sentimento de fracasso. É assim, para Han (2017), que a racionalidade neoliberal faz o mercado funcionar.

Se, para Nóvoa (2017), os professores hoje são subalternos ao mercado, admitimos que esses profissionais são expostos à configuração criticada por Han (2017). Inferimos, então, que o contexto macrossocial atual no qual os professores da EB vivem tenciona um fenômeno social de apatia, que denominaremos, aqui, desencantamento docente. Nesse sentido, reforçamos a necessidade de compreendermos mais a fundo o(s) significado(s) desse fenômeno.

METODOLOGIA

Por se tratar de um estudo teórico e conceitual, optamos pela pesquisa exploratória de delineamento bibliográfico.

Nesse sentido, realizamos uma revisão de literatura na BDTD e nos repositórios de artigos Educ@, Scielo e Periódicos Capes. Em linhas gerais, utilizamos os seguintes descritores: “Desencanto+docente” e “Desencantamento+docente”, que foram somados aos filtros: ‘versar sobre formação de professores’; ‘estar situado na educação básica’; ‘ter o termo “desencanto” como palavra-chave, e/ou peça do título e/ou componente do resumo’. Os critérios de seleção estabelecidos foram: a) Ser artigo, dissertação de mestrado ou tese de doutorado; b) Ter sido publicado entre 2010 e 2022⁵; c) Ter sido publicado no Brasil, independentemente do campo de análise.

⁵ Este recorte decorre das crescentes discussões acerca da formação de professores a partir de 2010. Como a nossa pesquisa da pós-graduação se iniciou em 2023, investigamos até um ano antes, 2022.

Ao total, filtramos nove trabalhos, dos quais quatro são dissertações (Queiroz, 2021; Silva Neto, 2017; Cardoso, 2013; Wagner, 2020), quatro são artigos de periódicos (Krug, Krug e Telles, 2018; Santos e Betlinski, 2020; Lemos e Noaves, 2015; Rosa, 2016) e um é tese (Oliveira, 2020).

Como técnica de análise, aplicamos a modalidade temática da Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e categorizamos os conceitos do desencantamento docente em quatro categorias. Cada categoria, com base na nossa inferência, representa um estágio desse fenômeno. Esses estágios não são mutuamente excludentes ou dependentes, posto que dois estágios podem acontecer paralelamente, sem necessária ordem hierárquica. Além disso, compreendemos que esses estágios, na presença de critérios objetivos, facilitam as ocorrências das unidades de interseção, trabalhadas por Bardin (1977) — aqui, elas acontecem quando o conceito de desencanto de um autor transita por mais de um estágio. Dos nove trabalhos analisados, cinco se concentram em um conceito, enquanto os outros quatro transitam por até dois.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Categorizamos os conceitos do desencantamento docente em quatro estágios. Tais estágios se organizam da seguinte forma:

O primeiro diz respeito à: *baixa atratividade e/ou desinteresse crescente pela profissão docente*. À luz dos trabalhos de Rosa (2016) e Cardoso (2013), entendemos que o baixo interesse pela profissão pode aparecer, genericamente, sob duas formas. A primeira é o não-interesse pela profissão mesmo sem a ter vivenciado — também compreendido enquanto baixa atratividade, em uma conceituação ampla. E a segunda é quando professores com tempo considerável de atuação desestimulam professores iniciantes a se manter na profissão, porque gradualmente perderam o interesse por ela.

Por seu turno, o segundo estágio se relaciona aos: *sentimentos negativos com relação à profissão docente*. Com base nas constatações de Cardoso (2013), Silva Neto (2017), Krug, Krug, Telles (2018), Oliveira (2020), Santos e Betlinski (2020) e Wagner (2020), este se caracteriza por ser o estágio mais comum entre os trabalhos, e também o mais suscetível à reversão. Pode ocorrer sozinho e, por si, ser o desencanto docente, ou acontecer em paralelo ao estágio 1 ou 4. Ainda, pode se agravar na forma do estágio 3, apesar de não ser regra.

Por sua vez, o terceiro estágio é: *adoecimento*. Silva Neto (2017) e Oliveira (2020), em ponto de interseção com o segundo estágio, constataram que o terceiro estágio é a forma avançada com a qual os sentimentos negativos relativos a ser professor são expressos, porque

se converte em sentimentos negativos relacionados a si enquanto ser humano, para além da profissão. Para esses autores, este é considerado um estágio crítico e, embora não seja regra aparecer, quando aparece, traz consequências graves à saúde psicológica do docente. Esses autores atrelaram, mais enfaticamente, o adoecimento psicológico ao desencanto docente — apenas Oliveira (2020) mencionou as doenças vocais e de articulações como componentes desse fenômeno.

O quarto estágio é denominado: *abandono de carreira*. A partir de Lemos e Novaes (2015), Queiroz (2021) e Wagner (2020), este estágio representa o processo mais longo e complexo do desencantamento, quando associado a este. O abandono de carreira se relaciona ao não-pertencimento do professor na profissão e, em alguns casos, quando definitivo, ao desfecho da carreira docente. Geralmente inicia após o estágio 2, sem necessariamente depender do 3. Também é considerado um estágio crítico.

Com base no exposto, podemos observar uma polissemia no que tange o conceito de desencanto docente. Em síntese, esse fenômeno se apresenta como baixo interesse pela profissão professor, na mesma medida que se constitui um conjunto de sentimentos negativos relacionados a essa profissão. Esse fenômeno também pode ser apreendido a partir dos acometimentos psíquicos (adoecimentos), em causas e consequências, e, em dado contexto e intensidade, significar o abandono da carreira.

A despeito das ameaças de abandono, Wagner (2020), Lemos e Novaes (2015) e Queiroz (2021) não mencionam uma fase específica. Cardoso (2013), inclusive, pontua que essas ameaças podem acontecer na fase inicial da carreira, onde há um “choque” entre o que se espera da profissão e o que ela de fato é. Entendemos, assim, a ameaça de abandono como elemento disperso entre todos os estágios do desencantamento, por isso ele, em si, não configura um estágio nem deve ser interpretado como exclusivo ao estágio 4.

Aliás, acerca do estágio 4, compreendemos que o abandono de carreira possui uma relação intrigante com o desencanto. Essa relação se dá por dois motivos principais: a) Por mais que não haja noção hierárquica entre os estágios, o abandono de carreira representa o desfecho da profissão, sendo, portanto, o ponto mais agudo — ele pode ocorrer em paralelo a outro estágio, mas após ele, não há mais estratificações; b) O abandono de carreira também é um fenômeno complexo, podendo, inclusive, acontecer sem estar atrelado ao prolongado fenômeno de desencanto, ao não-pertencimento da profissão — por exemplo, quando professores da EB, incentivados pela desvalorização salarial e social, abandonam esse nível definitivamente e resolvem lecionar no Ensino Superior, por melhor remuneração/valorização, sem

necessariamente possuírem uma representação negativa do “ser professor” da Educação Básica. Além disso, de acordo com Lemos e Novaes (2015), o debate acerca do abandono de carreira docente permanece em “aberto”, pois as atualizações da sociedade contemporânea fornecem ramificações a essa problemática, aprofundando-a e disseminando-a efusivamente.

Em tempo, notamos que, além de se preocuparem com o conceito, os autores também apontaram possíveis causas para o desencantamento docente. Entendemos ser consenso entre esses pesquisadores que o surgimento e a manutenção desse desencanto acontecem a partir de multifatores, que não atuam de maneira isolada na sociedade. Dentre essas múltiplas causas, a que se destaca é a desvalorização social atrelada ao baixo *status quo* da categoria.

Krug, Krug e Telles (2018), por exemplo, relacionam a desvalorização social (baixo *status quo*) à insegurança financeira. Para esses autores, ambas as causas justificam o porquê do desencanto se fazer presente entre o professorado. Isto porque se manter em uma profissão na qual não há respeito social — qualquer pessoa pode opinar e “instruir” o professor a trabalhar, afora as afrontas dos próprios alunos e pares do corpo pedagógico — e um salário baixo, sem um vislumbre de melhoras, é penoso. Outros autores que corroboram essa linha de pensamento ao relacionarem a desvalorização social à insegurança financeira são: Cardoso (2013), Wagner (2020), Queiroz (2021), Oliveira (2020) e Lemos e Novaes (2015).

Santos e Betlinski (2020) comentam sobre as artimanhas estruturais da sociedade contemporânea no que tange à educação, isto é, como as rédeas do neoliberalismo agem na educação e como elas são mantidas e renovadas pelo “crivo” capitalista. Nesse sentido, eles partem de uma perspectiva mais estrutural da desvalorização docente. Para esses autores, a desvalorização e a baixa no *status quo* docente, entendidos, respectivamente, como baixo prestígio e decadência no valor social, acontecem paralelamente ao neoliberalismo na educação, que incentiva, por conseguinte, um perfil de empreendedor no professor. Rosa (2016) chega a considerações semelhantes, pontuando, inclusive, que a racionalidade neoliberal é a principal mantenedora do desencanto docente em escala mundial.

Enquanto problema estrutural inscrito no contexto macrossocial, acreditamos que o desencantamento docente é revestido pelo que Freire (2021) denomina fatalismo. Ambos os pesquisadores aqui mencionados pontuam que os próprios professores das suas pesquisas não ‘esperançam’ melhorias. Essa falta de crença é discutida por Freire (2021) como o conformismo pelo que está exposto, algo irreversível. É até lógico pensar dessa maneira, porque há quase um século reivindicamos valorização e respeito social, e ainda assim, no hoje, somos desvalorizados enquanto professores da EB. No entanto, esse fatalismo não permite a

visualização de transformações, e isto, para Freire (2021), enfraquece a categoria profissional professor. É preciso, então, compreender os significados expostos para esse problema, analisá-los criticamente e não desistir da luta. É preciso coragem para, no coletivo, continuar sendo professor e contrariar as artimanhas mercadológicas (Freire, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos, neste texto, discutir os conceitos de desencantamento docente atribuídos pela literatura entre 2010 e 2022. Esta discussão ocorreu mediante uma inserção macrosocial, ou seja, mediante um olhar crítico do atual contexto brasileiro em que os professores da EB estão inseridos. Dessa forma, o desencanto docente foi posicionado numa estrutura social coerente, que faz sentido no “hoje”. Acreditamos que trazer luz aos significados desse fenômeno social atual pode contribuir para pensarmos alternativas de reencantamento, bem-estar e valorização docente.

Isto porque, tais significados, como supracitado, sugerem que o desencantamento é um fenômeno social polissêmico em ascensão na atual conjuntura brasileira, que vem impactando substancialmente a profissão de professor da Educação Básica. Frisamos que esse desencanto pode ser lido como a baixa atratividade, ou como o desinteresse em continuar sendo professor da EB, ou como sentimentos negativos desses professores com relação à própria profissão, ou como os adoecimentos gerados e/ou intensificados por essa profissão e, ainda, como o abandono definitivo da carreira de professor.

Pensando o desencantamento docente como um fenômeno atual, em ascensão, polissêmico e potencialmente multifacetado, sugerimos, por fim, algumas questões que podem ser esmiuçadas em futuras pesquisas: os estágios do desencantamento variam conforme as regiões do Brasil? Em que variam? Como as políticas públicas podem enfraquecer o desencanto e reforçar o reencantamento docente? Quais representações sociais os professores da EB atualmente têm da própria profissão? Quais são os principais motivos que podem levar um professor a abandonar definitivamente a profissão? O reencantamento docente também ocorre por estágios? Que estágios são esses e como eles funcionam?

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARDOSO, Solange. **Professoras iniciantes da educação infantil: encantos e desencantos da docência**. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013.

CASTRO, Michele Guedes Bredel de. Uma retrospectiva da formação de professores: histórias e questionamentos. **Movimento**: revista de educação, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 225-245, 2016.

CERICATO, Itale Luciane. A profissão docente em análise no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 97, n. 246, p. 273-289, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/ZGXLgG4kzTjqx5bqcc9pshS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2023.

DIAS, Amália. O magistério de ensino secundário e a regulamentação da profissão (1931-1946). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 17-34, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

INSTITUTO SEMESP. **Pesquisa perfil e desafios dos professores da Educação Básica no Brasil**. São Paulo: Instituto Semesp, 2024. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/pesquisas/pesquisa-perfil-e-desafios-dos-professores-da-educacao-basica-no-brasil/>. Acesso em: 8 maio 2024.

KRUG, Hugo Norberto; KRUG, Rodrigo de Rosso; TELLES, Cassiano. Encantos e desencantos na profissão de professores de educação física na educação básica. **Textura**, Santa Maria, v. 44, n. 20, p. 289-306, dez. 2018.

LEMOES, José Carlos Galvão; NOVAES, Luiz Carlos. Juízos e práticas professorais na construção do processo de abandono do trabalho docente e o impacto sobre o trabalho pedagógico. **Revista Cocar**, Belém, v. 18, n. 9, p. 285-307, dez. 2015.

LUDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1159-1180, 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 11 nov. 2023.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de pesquisa**, [S. l.], v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017.

OLIVEIRA, Clésnia de. **Professores em exercício**: é possível educar na afetividade (ampliada) em tempos de desencantos? 2020. 328 f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

QUEIROZ, Diego Faria de. **Entre calos e percalços no investimento pedagógico na escola pública**: trajetórias de professores de educação física. 2021. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Curso de Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2021.

ROSA, Marco Corriente. Situação do professorado em Portugal: identidades fragmentadas entre a paixão e o desencanto. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 412, 22 dez. 2016.

SANTOS, Maurício Inácio dos; BETLINSKI, Carlos. Experiência e racionalidade estética no trabalho docente. **Revista Devir Educação**, Lavras, v. 4, n. 2, p. 343-372, dez. 2020.

SILVA NETO, Urbano Gomes da. **O trabalho docente na sociedade da informação**: possibilidades e desencantos. 2017. 73 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da

Informação) – Escola de Educação, Tecnologia e Comunicação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

VICENTINI, Paula Perin. Celebração e visibilidade: o dia do professor e as diferentes imagens da profissão docente no Brasil (1933-1963). **Revista brasileira de história da educação**, [S.l], v. 8, p. 9-41, 2004.

WAGNER, Lilian. **Profissão docente**: um estudo contemporâneo do abandono da carreira no município de Santa Maria/RS. 2020. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens) – Universidade Franciscana, Santa Maria, 2020.